

Editorial

PREZADO LEITOR,

A edição 51 de nossa revista marca o primeiro encontro de 2012. Retomamos nosso diálogo e abrimos, prazerosamente, novos campos de discussão. Como marca do seu compromisso com o público leitor, a Benjamin Constant, mais uma vez, coloca-se como fórum de pensamentos e reflexões. Levantamos ideias, incrementamos assuntos, buscamos novos rumos. Multiplicam-se temas, multiplicam-se vertentes de análise sobre a deficiência visual. Inclusão, cultura, aportes pedagógicos encontram-se disponíveis para que possamos entender o indivíduo cego ou com baixa visão. Suas necessidades, seus direitos e, sobretudo, os mecanismos que podem ser usados no desenvolvimento global da criança, no alargamento de horizontes do jovem, na afirmação e na inserção legítimas do adulto em quaisquer esferas das quais seja membro e se faça, de fato, um ser efetivo na sociedade. Este periódico mostrará três artigos e uma entrevista que, temos certeza, trarão contribuições para aqueles que têm desejo e premência de penetrar nos diversos caminhos da vida e da educação da pessoa com deficiência visual.

No primeiro artigo, “Museu através do toque: a inclusão social da pessoa com deficiência visual”, Ana Fátima Berquó e Diana Farjalla Correia Lima nos colocam à frente de um tema bastante em voga: a acessibilidade em museus. O artigo fala-nos a respeito de postulados que discorrem sobre o direito das pessoas com deficiência visual, conferindo-lhes acesso à cultura e ao conhecimento.

O segundo artigo trata de um tema bastante complexo: o ensino da Física. Em “Artefatos tátil-visuais e procedimentos metodológicos de ensino de Física para alunos com e sem deficiência visual: abordando os fenômenos presentes na fibra óptica e em espelhos esféricos”, Eder Pires de Camargo, Melina Machado Agostini, Rogério Perego e Silva, Diego de Alcântara, Gabriel Fernando Soares Santos e Edval Rodrigues de Viveiros demonstram as possibilidades e os suportes pedagógicos que podem apoiar a educação científica de alunos com deficiência visual, bem como alunos sem qualquer deficit ou privação da visão.

“Buscando a educação inclusiva em Geometria”, de Ana Maria M. R. Kaleff e Fernanda Malinosky C. da Rosa tem como foco o ensino da Geometria para pessoas com deficiência da visão. Buscou-se, neste estudo, mostrar as probabilidades reais de se estabelecer a inclusão desses alunos por meio de recursos didáticos especializados que propiciem, efetivamente, sua aprendizagem.

Temos como quarta abordagem a entrevista da pesquisadora Virgínia Kastrup, professora doutora do Instituto de Psicologia da UFRJ. A pesquisadora nos coloca diante de um tema que instiga nossa curiosidade e alenta nossas concepções, colocando o cego no foco de uma análise em que esse indivíduo põe-se diante da arte e de suas múltiplas representações. Virgínia Kastrup nos fala da cegueira e dos estereótipos que a cercam. Mostra-nos o cego como um ser aberto à arte, capaz de nela construir seu subjetivismo e dela retirar os insumos que podem forjar sua sensibilidade artística. Vemos ser a arte um elemento de ascensão intelectual e encontro do “eu” com o mundo.

Desejamos que você, leitor, tenha na abordagem dos estudos e das pesquisas ora veiculados uma fonte de interesses e um veio de saberes que possam lhe trazer maior conhecimento e vontade de atuar na área da educação de pessoas cegas ou com baixa visão.

Até o próximo número.

Maria Odete Santos Duarte
Diretora-Geral do IBC

ISSN 1414-6339